Release

# Linha fina

*Balada dos enforcados e outros poemas* é a reedição das famosas traduções do erudito poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos para os poemas do poeta François Villon, do século XV, considerado o precursor dos poetas malditos da Modernidade.

# Título

Balada dos enforcados e outros poemas

# Autor

François Villon

# Nacionalidade

Francesa

# Coedição

# Título original

# Copyright

Domínio público

# Categoria

Poesia

# Escola

Poesia francesa do século XV

# Palavras-chave

poesia francesa, poesia maldita, poeta maldito

Categorias BISAC

POE002000 - Poesia / Europeia / Francesa

Categorias THEMA

DCF - Poesia de língua francesa

DSC - Poesia medieval

DSBB - Poesia lírica

Coleção

Hedra Edições

# Tradução

Péricles Eugênio da Silva Ramos

# Edição

Jorge Sallum

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 23/2/2024

# 

# Sobre o livro

Reconhecido pelos românticos como precursor dos autores malditos, François Villon é o poeta mais importante da Baixa Idade Média. Homem moderno vivendo em pleno século XV, teve a vida marcada pela delinquência — repleta de devassidão, mendicância, embriaguez, roubo e assassinato — que não o impediu de escrever alguns dos mais lembrados poemas de língua francesa, graças a seu talento. O desaparecimento súbito e misterioso, em 1463, só lhe ampliou a fama, que o levou a tornar-se personagem de Rabelais.

Nesta antologia bilíngue — organizada, traduzida e apresentada por Péricles Eugênio da Silva Ramos, poeta e erudito amplamente reconhecido pelas traduções de grandes clássicos — o leitor encontra um panorama da obra poética de Villon: além da *Balada dos Enforcados*, composta entre 1461 e 1463, quando o autor foi condenado à morte, também podem ser lidos aqui excertos de *O legado* — extenso poema escrito quando Villon se separava de uma amante desumana — e *O Testamento* — paródia do documento jurídico de mesmo nome, com reflexões sobre a efemeridade da vida, a passagem do tempo e a angústia da morte.

A fome insaciável das experiências intensas aproxima Villon do leitor contemporâneo: para ele, o único tesouro era viver a própria vontade, e sua poesia reflete esse ideal. A inquietação por sorver a vida o levou à maturidade prematura, e o lamento na prisão transborda, em versos introspectivos, as cogitações do cárcere. Estes poemas são o diário poético da vida desregrada de Villon que, à maneira dos homens de nosso tempo, procurava de forma incansável a si mesmo por meio da literatura.

# Sobre o autor

François Villon (Paris, c.1431--c.1463) é o poeta francês mais importante da Baixa Idade Média. Sua vida é controversa, já que a pouca informação proveniente dos processos jurídicos que sofreu são comumente confundidas com a *persona* adotada em seus poemas. Órfão de pai, é criado pelo cônego Guillaume de Villon, de quem recebe o sobrenome. Estuda na Universidade de Paris e ganha o estatuto de clérigo em 1452. Envolve-se em uma briga em 1456, e em seguida, participa de um furto ao colégio de Navarra, fatos que o obrigam a fugir de Paris. Em Blois, passa a fazer parte da corte de Charles d'Orléans, o príncipe-poeta, que compila diversos poemas seus, dentre eles a célebre “Dupla balada”. Em 1461, é preso por razões desconhecidas em Meung-sur-Loire, onde provavelmente compõe “O debate do coração e do corpo de Villon”, e de onde é libertado a pedido de Luís XI. De volta a Paris, envolve-se em um conflito com o secretário Maître Ferrebouc, é preso e finalmente condenado à morte, quando, como supõem alguns biógrafos, escreve a “Balada dos enforcados”. A pena, no entanto, é comutada em um exílio de dez anos. A partir de 1463 não há mais qualquer registro a seu respeito. Sua figura aparentemente marginal, ora ligada aos estudantes da Sorbonne e à associação de clérigos do Palácio, conhecida como *Basoche*, ora a delinquentes, como os *Coquillards*, notórios falsificadores de relíquias de Santiago de Compostela, fez com que seu nome fosse reconhecido por alguns autores românticos como o precursor dos *poetas malditos*.

**Sobre o tradutor**

Péricles Eugênio da Silva Ramos (Lorena, 1919 – São Paulo, 1992) foi poeta, tradutor, crítico literário, antologista e filólogo. Iniciou carreira como redator do *Jornal da Manhã* em 1941. Por *Lamentação floral*, seu primeiro livro de poesia, é agraciado com o Prêmio Fábio Prado em 1946. Passa a colaborar com o Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, a partir de 1964, firmando-se como um dos mais importantes críticos do país. Idealizou e foi um dos fundadores do Museu de Arte Sacra, do Museu da Casa Brasileira e do Museu da Imagem e do Som. Figura de proa da Geração de 45 em São Paulo, concebeu e realizou uma das mais vastas antologias de poesia brasileira, publicadas ao longo da década de 1960 pela Melhoramentos: *Poesia barroca*, *Poesia do ouro*, *Poesia romântica*, *Poesia parnasiana*, *Poesia simbolista* e *Poesia moderna*, além de ter organizado as *Poesias completas de Álvares de Azevedo* (Saraiva, 1957). Profundo conhecedor do grego clássico e do latim, além do inglês, francês e alemão, traduziu obras de Byron, Virgílio, Melville, Brecht, Whitman, afora suas clássicas traduções de Yeats, Keats, Shakespeare, Góngora e Shelley. Sua tradução de *Hamlet*, a única em língua portuguesa cuja leitura é recomendada pela Royal Shakespearean Society, é considerada uma das mais fiéis e bem realizadas.

# Trechos do livro

Seguem abaixo as duas primeiras estrofes da “Balada dos enforcados”:

Irmãos humanos que depois de nós viveis,

Não tenhais duro contra nós o coração,

Porquanto se de nós, pobres, vos condoeis

Deus vos concederá mais cedo o seu perdão.

Aqui nos vedes pendurados, cinco, seis:

Quanto à carne, por nós demais alimentada

Temo-la há muito apodrecida e devorada,

E nós, os ossos, cinza e pó vamos virar.

De nossa desventura ninguém dê risada:

Rogai a Deus que a todos queira nos salvar!

Chamamo-vos irmãos: disso não desdenheis,

Apesar de a justiça a nossa execução

Ter ordenado. Vós, contudo, conheceis

Que nem todos possuem juízo firme e são.

Exculpai-nos --- que mortos, mortos nos sabeis ---

Com o filho de Maria, a nunca profanada;

A sua graça, para nós, não finde em nada,

No inferno não nos venha o raio despenhar.

Ninguém nos atormente, a vida já acabada.

Rogai a Deus que a todos queira nos salvar!

Seguem abaixo três estrofes de *O Testamento* (XLII-XLVI):

Pois que papas e reis, filhos de reis

E os que em ventres reais foram gerados

Mortos enterram-se, bem o sabeis,

E a mãos alheias passam seus reinados:

Eu, pobre diabo em Rennes e outros lados,

Não morrerei? Certo, se Deus quiser;  
Mas tenha eu feliz quinhão gozado,  
A morte honrada venha quando vier.

Para todos o mundo tem final,

Pense o que bem pensar rico ladrão:  
A espada pende sobre nós, mortal.

O velho aceita essa consolação,  
Ele que teve a fama de burlão

Jovial, no tempo em que era rapazola,

E ter-se-ia por mau e paspalhão

Se velho usasse de fazer graçola.

Agora força é que entre a mendigar,

Pois a tanto o constrange a precisão.

Como ontem, põe-se a morte hoje a chamar:

A Tristeza lhe oprime o coração.

Não fosse Deus e a sua punição,

Horrível ato ele praticaria:

Quebrando a lei de Deus com essa infração,

Ele a si mesmo se destruiria.

# Imprensa